

Plano de Aula

Prática 06: Futebol Callejero: Diálogo, Inclusão e Protagonismo em Jogo

Público-alvo: Ensino Médio – turmas mistas (15 a 18 anos)

Duração: 50 minutos

Número estimado de alunos: 40 a 45

Aula 6 de sequência prática

Objetivos

- Promover o protagonismo juvenil por meio do futebol de rua como prática autônoma, criativa e dialógica.
- Estimular a construção coletiva de regras justas e igualitárias entre os gêneros.
- Ressignificar o futebol como espaço de respeito, escuta, cooperação e inclusão.

Conteúdo

- Introdução ao **Futebol Callejero** como prática social, cultural e educativa.
- Construção coletiva das regras e mediação horizontal (sem juiz).
- Vivência do futebol como linguagem de expressão e inclusão.

Habilidades da BNCC

EFEMG03: Experimentar e fruir práticas corporais com diferentes objetivos (expressivos, recreativos, formativos), respeitando as diferenças e as possibilidades de cada um.

EFEMG04: Analisar desigualdades de gênero e promover a equidade nas práticas corporais.

EFEMG06: Reconhecer as práticas corporais como elementos da cultura e da identidade dos sujeitos.

Metodologia

Futebol callejero se organiza em três tempos pedagógicos:

1. **Diálogo pré-jogo (construção coletiva das regras);**
2. **Jogo sem juiz (com mediação entre os próprios jogadores);**
3. **Roda de avaliação e reflexão coletiva.**

Esses princípios favorecem o protagonismo dos alunos, a empatia, a escuta e a resolução pacífica de conflitos.

Etapas da Aula (50 min)

| Etapa | Tempo | Descrição |
|--|--------|---|
| 1. Diálogo inicial | 5 min | Pergunta provocadora: “Futebol é para todos os corpos e gêneros?” Explicação breve sobre o Futebol Callejero como prática de rua, baseada na construção coletiva, sem juiz, com foco no respeito e diálogo. |
| 2. Criação das regras coletivas | 10 min | – Regras de JOGO (ex: tempo, número de toques, como marcar gol); – Regras de CONVIVÊNCIA (ex: não gritar, incentivar colegas, não discriminar); – Regras de AVALIAÇÃO (como saber se o jogo foi bom). Tudo anotado em cartaz visível. Professora atua como mediadora, não como autoridade. |
| 3. Jogo Callejero | 25 min | Dividir a turma em 4 grupos mistos. As partidas acontecem sem juiz, com 6 a 8 alunos por jogo. Quando surgem conflitos ou dúvidas, os próprios alunos devem conversar, aplicar as regras de convivência e retomar o jogo. Revezamento entre as equipes. |
| 4. Roda final de diálogo | 10 min | Todos se reúnem para refletir: – “Como foi jogar sem juiz?” – “Vocês conseguiram respeitar o que foi combinado?” |

| Etapa | Tempo | Descrição |
|-------|-------|---|
| | | – “Houve espaço para meninos e meninas participarem igualmente?” Cada grupo avalia o jogo com base nas regras criadas. Um aluno voluntário lê as regras e o grupo comenta se foram cumpridas ou não. |

Avaliação

Participação ativa e colaborativa.

Capacidade de diálogo e resolução de conflitos.

Reflexão crítica sobre equidade e convivência nas práticas corporais.

Relação com a pesquisa

Rompe com o modelo tradicional competitivo e centrado no desempenho físico.

Valoriza a escuta, o respeito e a horizontalidade entre os participantes.

Amplia o espaço de protagonismo feminino, sobretudo em uma prática historicamente masculinizada como o futebol.

Atua contra estereótipos de gênero e desigualdades, promovendo autonomia e justiça nas relações corporais escolares.

Recursos necessários

Bola leve de futebol.

Coletes ou fitas para diferenciar equipes.

Cartaz ou lousa para anotar as regras construídas coletivamente.